

O uso de sequências didáticas voltado à educação em valores na formação continuada de professores da educação infantil: relato de práticas morais

Priscila Caroline Miguel
Patrícia Unger Raphael Bataglia

Como citar: MIGUEL, Priscila Caroline; BATAGLIA, Patrícia Unger Raphael. O uso de sequências didáticas voltado à educação em valores na formação continuada de professores da educação infantil: relato de práticas morais. *In*: BENETTI, Eduardo Silva; BATAGLIA, Patrícia Unger Raphael; LEPRE, Rita Melissa; LOPES, Lígia Serrano (org.). **Práticas Morais na Escola: a Construção da Autonomia Moral**. Marília: Oficina Universitária; São Paulo: Cultura Acadêmica, 2025. p. 93-107.
DOI: <https://doi.org/10.36311/2025.978-65-5954-585-8.p93-107>



All the contents of this work, except where otherwise noted, is licensed under a Creative Commons Attribution-NonCommercial-NoDerivatives 4.0 (CC BY-NC-ND 4.0).

Todo o conteúdo deste trabalho, exceto quando houver ressalva, é publicado sob a licença Creative Commons Atribuição-NãoComercial-SemDerivações 4.0 (CC BY-NC-ND 4.0).

Todo el contenido de esta obra, excepto donde se indique lo contrario, está bajo licencia de la licencia Creative Commons Reconocimiento-No comercial-Sin derivados 4.0 (CC BY-NC-ND 4.0).

O uso de sequências didáticas voltado à educação em valores na formação continuada de professores da educação infantil: relato de práticas morais

*Priscila Caroline MIGUEL*¹

*Patrícia Unger Raphael BATAGLIA*²

1 INTRODUÇÃO

Ao pensarmos uma Sequência Didática, devemos esclarecer, antes mesmo de conceituá-la, que a fazemos como proposta e como exercício de reflexão dos educadores e não como um modelo a ser seguido sem um olhar crítico. Cabe ao professor utilizar esse instrumento como base de suas reflexões e adaptá-lo a suas práxis, contextualizando à sua realidade pedagógica, como bem nos alertam Silveira e Lepre (2022).

¹ Doutoranda em Educação com Bolsa CAPES/PROEX pela Universidade Estadual “Júlio de Mesquita Filho” – UNESP/Câmpus de Marília e Mestra em Educação pela mesma universidade. Atualmente, é Docente Bolsista no Curso de Pedagogia da FFC e vinculada ao GEPPEI – Grupo de Estudos e Pesquisas em Psicologia Moral e Educação Integral. Possui graduação em Psicologia pela UNIMAR – Universidade de Marília/SP. E-mail: priscilacarolinemiguel@gmail.com. ORCID: <https://orcid.org/0000-0003-1499-9196>.

² Professora Associada da Universidade Estadual “Júlio de Mesquita Filho” – UNESP/Câmpus de Marília e Docente Permanente do Programa de Pós-Graduação em Educação da mesma universidade. Atualmente, é Líder do GEPPEI – Grupo de Estudos e Pesquisas em Educação Moral e Educação Integral, cadastrado no CNPq. E-mail: patricia.bataglia@unesp.br. ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-2575-3020>.

Segundo Almeida (2015), a Sequência Didática na Educação Infantil além de ser uma forma organizada sequencialmente para desenvolver saberes, tem a tendência de estruturar um trabalho mais organizado e mais pertinente à criança de hoje que tem contato com inúmeras fontes, “[...] mas que não tem trabalho estruturativo no sentido de dar organicidade a tudo que ela vê, consome, sente e faz o dia inteiro” (Almeida, 2015, p. 72). Isso posto, a Sequência Didática é uma forma de organizar o planejamento semanal da rotina das crianças, assim como de organizar o desenvolvimento delas a partir de conhecimentos que se ampliam empiricamente e, paulatinamente, vão se tornando grandes fontes de percepções múltiplas.

Goergen (2007) retrata que as crianças passam muito tempo de suas vidas nas escolas de Educação Infantil, local no qual os processos de desenvolvimento, a maneira de pensar e emitir juízos de valores, seus conceitos e representações, sua sensibilidade, atitudes e comportamentos são constituintes de suas identidades e suas diferenças. Para auxiliar nesse processo, consideramos que o trabalho com Sequência Didática é uma possível ferramenta, pois estimula a intencionalidade e o planejamento do professor voltado a essa finalidade, além de se constituir em práticas morais que objetivam a construção de valores e o desenvolvimento da autonomia moral.

Araújo (2013) entende a Sequência Didática como uma forma de planejamento e organização por parte do professor de atividades que pretendem ensinar através de núcleos temáticos e procedimentais. Já Zabala (1998) menciona que a Sequência Didática é

[...] um conjunto de atividades ordenadas, estruturadas e articuladas para a realização de certos objetivos educacionais, que têm um princípio e um fim conhecido tanto pelos professores como pelos alunos [...]” (Zabala, 1998, p. 18, grifos do autor).

Por sua vez, a Base Nacional Comum Curricular (Brasil, 2017) apresenta a ideia de um aluno ativo e protagonista na construção de seu conhecimento e traz dez competências gerais que devem ser trabalhadas desde a Educação Infantil, com o objetivo da formação de valores morais, conhecimentos e habilidades para a constituição de um sujeito autônomo, criativo, crítico, reflexivo e cooperativo (Silveira; Lepre, 2022).

O planejamento por Sequência Didática se dá, então, através da sistematização do trabalho docente, um ponto comum entre os pesquisadores referenciados, com o objetivo de ajudar a criança a desenvolver competências e habilidades que deem sentido para a efetivação do seu processo de aprendizagem. Sob o olhar de crescimento pedagógico, a orientação para o uso do termo “Sequência Didática” nos planejamentos de aulas dos professores torna-se um ganho, porque tem a premissa de garantir uma maciça participação dos alunos durante as aulas (Almeida, 2015).

A Sequência Didática é formada por atividades que podem ser definidas como os “meios” usados pelo professor com o objetivo de que o aluno vivencie as experiências necessárias ao desenvolvimento de competências e habilidades, fazendo com que a aprendizagem seja significativa por valorizar a investigação, a integração, a cooperação e incentivar a ação do aluno. Estimula a cooperação entre o grupo (alunos (as) e professor(a)) e busca o desenvolvimento de habilidades como características básicas do processo de aprendizagem. Silveira e Lepre (2022) ressaltam que a SD³ é mais do que um instrumento que tem a função de organizar uma aula, pois pode ser também uma condução metodológica embasada em teorias do desenvolvimento e da aprendizagem.

A Sequência Didática deve, então, ser planejada pelo professor, de forma que trate cada conteúdo de maneira específica e singular, dando oportunidades ao aluno de desenvolver sua autonomia para que empregue seus próprios mecanismos na construção e reconstrução do seu conhecimento e arquitetar formas para a resolução e formulação criativa de problemas. Para Almeida (2015, p. 73), “[...] criar uma Sequência Didática é programar situações e circunstâncias em que o estudante realmente construa seu conhecimento”. Sendo assim, a finalidade é possibilitar ao aluno a construção de seu conhecimento articulando diversas teorias didáticas.

No caso da experiência aqui relatada, a Sequência Didática tem por objetivo propiciar a construção de um ambiente sociomoral, no qual as crianças são imersas em uma atmosfera moral que estimule a convivência ética, o respeito ao outro, o diálogo como facilitador da resolução de conflitos, a generosidade e a justiça, entre outros valores.

³ A Sigla SD refere-se à Sequência Didática.

Segundo García e Puig (2010), são necessárias sete competências fundamentais para a construção de valores no âmbito escolar: ser você mesmo (valorizar a construção da identidade da criança e o professor (a) influencia no desenvolvimento dos alunos, por exemplo); reconhecer o outro (daí a importância de se propiciar condições para a superação do egocentrismo); facilitar o diálogo (sem se esquecer de que os conflitos, mesmo na Educação Infantil são oportunidades de aprendizagem); regular a participação (interagir nas atividades pode ser uma experiência moral); trabalhar em equipe, fazer escola (implica em conscientizar-se da importância das iniciativas individuais para a melhoria de uma escola e avaliar sua influência na formação moral de seus alunos) e estimular para que a escola trabalhe em rede.

Dessa forma, educar em valores não é uma ação isolada da família, da escola ou do professor - mas um esforço em rede, a partir de reflexões básicas sobre o que é uma vida boa e como viver essa vida boa, com base no reconhecimento do outro como sujeito que pensa, sente e se situa no mundo, exercitando a empatia, o respeito, o cuidado e a justiça (Silveira; Lepre, 2022, p. 254).

Sendo assim, García e Puig (2010) salientam que a preparação para se educar em valores trata-se, inevitavelmente, de um paradoxo: por um lado, todos os (as) professores (as) estão aptos para educar em valores, pois são pessoas e cidadãos. E para tanto, não existem especialistas e nem saberes específicos. Por outro, existe um consenso sobre a necessidade de uma preparação para se educar em valores. Os autores admitem que: [...] “não se pode improvisar nem esquecer a coordenação entre os professores” [...] (García; Puig, 2010, p. 9-10). Coadunamos com a ideia e acrescentamos que todos podem educar em valores e, todos estão educando, mas na prática trabalhando com a formação tanto inicial (no Curso de Pedagogia, por exemplo) bem como continuada de professores, sentimos que é fundamental preparar-se e pensar em intervenções que realmente sejam práticas morais, sem cair na mecanização do procedimento.

Destaque-se que a formação de professores que estamos oferecendo só faz sentido à medida que repensamos os propósitos e métodos utilizados

para atingir tais objetivos no ato de educar, já que a educação como construtora da autonomia, em dimensões cognitivas e morais, não tem sido o enfoque da maioria das escolas atualmente.

Para DeVries e Zan (1998), algumas pessoas acreditam que a escola não deveria estar preocupada com a educação social e moral, mas, sim, com o ensino de temas acadêmicos ou na promoção do desenvolvimento intelectual, visão esta que traz à tona o seguinte problema: a escola influencia o desenvolvimento social e moral de seus alunos, quer queira ou não. O fato é que as escolas não são e não podem ser livres de valores ou neutros quanto a esses, pois assim como as autoras acima referenciadas, acreditamos que, seja para a heteronomia ou para a autonomia, os educadores estão engajados na educação social e moral de seus educandos.

De acordo com Piaget (1994), o desenvolvimento moral pode adotar as seguintes tendências: depois de uma fase pré-moral ou anomia, é possível que o sujeito desenvolva uma consciência heterônoma e depois disso, uma consciência autônoma. Na heteronomia, a criança baseia seus juízos em um respeito unilateral e os adultos são vistos como autoridade e fonte de regras e proibições. Aqui, as origens da moralidade estão no respeito que é dirigido aos adultos, levando a uma moral da obediência, de adesão a regras fixas e determinadas por outrem. Já, na autonomia, as relações antes unilaterais são transformadas em respeito mútuo, baseando-se na reciprocidade e justiça. Sendo assim, as mudanças no nível cognitivo da criança, desde o egocentrismo até o perspectivismo, junto com a alteração das relações sociais, da coação à cooperação, culminam na base para explicar a transposição dos juízos morais heterônomos aos autônomos.

Conforme a Base Nacional Comum Curricular (Brasil, 2017), é na interação com os pares e com os adultos que as crianças constroem um modo peculiar de agir, sentir e pensar e começam a descobrir que existem outros modos de vida, pessoas diferentes que por sua vez, possuem outros pontos de vista. Concomitante à sua participação em relações sociais e de cuidados pessoais, as crianças constroem sua autonomia e senso de autocuidado, de reciprocidade e de interdependência com o meio. Por isso, é preciso que haja a criação de oportunidades para que as crianças entrem em contato com outros grupos sociais e culturais, outros modos de

vida, diferentes atitudes, etc., pois a partir dessas experiências, elas podem ampliar o modo como percebem a si mesmas e aos outros, valorizar sua identidade, respeitar ao outro e reconhecer as diferenças que possuímos enquanto seres humanos.

Vale ressaltar que se desejamos sujeitos, de fato, autônomos moralmente falando, precisamos de formações continuadas dos educadores, no nosso caso, da Educação Infantil, para que eles tenham maior conhecimento da Educação em Valores, do desenvolvimento moral infantil em uma perspectiva construtivista e da utilização de Sequências Didáticas como uma possibilidade metodológica para o enriquecimento de sua prática pedagógica.

Placco e Silva (2015) reforçam que a discussão sobre formação docente é antiga e ao mesmo tempo, atual: é antiga, pois é uma preocupação presente em toda a nossa História da Educação e atual, porque tem se apresentado como um ponto a ser levado em conta em discussões sobre qualidade de ensino, evasão e reprovação, além de significar uma ampliação do universo cultural e científico daquele que ensina, considerando as necessidades e exigências culturais e tecnológicas da sociedade.

No entanto, quando dizemos “formação de professores”, nos vem à mente: “o que é formar?” O “formar” envolve proporcionar referências e parâmetros e autores como Placco e Silva (2015) colocam que há várias dimensões do formar, sendo elas: a) *dimensão técnico-científica*: envolve os conhecimentos técnico-científicos relacionados à sua área; b) *a dimensão da formação continuada*: o profissional deve continuar pesquisando e criando espaços para um conhecimento *inter* e transdisciplinar; c) *a dimensão do trabalho coletivo e da construção coletiva do projeto pedagógico*: o trabalho educativo deve ser em cooperação; d) *a dimensão dos saberes para ensinar*: abrange os conhecimentos produzidos pelo professor sobre os alunos, objetivos educacionais e compromissos como cidadão e profissional; e) *a dimensão crítico-reflexiva*: implica em conhecer sobre o próprio funcionamento cognitivo e habilidade de autorregulação e por fim f) *a dimensão avaliativa*: refere-se à capacidade avaliativa do professor em relação à sua prática, o sistema escolar ou a escola em que trabalha.

Como início da nossa formação continuada, intitulada “Formação de professores da Educação Infantil sobre Sequências Didáticas para trabalhar com Valores Morais” realizamos, no primeiro encontro presencial, com a presença de 40 (quarenta) professores e professoras, coordenadoras pedagógicas da Educação Infantil e a Secretária Municipal da Educação, uma formação em serviço cujo objetivo foi apresentar os resultados dos questionários via *Google Forms* referentes à aplicação de cinco histórias do valor respeito, que foram adaptadas da Escala de Valores Sociomorais, discussão sobre como a criança pode superar o egocentrismo, o que é uma Sequência Didática e uma proposta que aborda o valor respeito, com perspectivas a descentração, etc.

Elaborada por estudiosos e estudiosas da Psicologia do Desenvolvimento Moral, a Escala de Valores Sociomorais visa possibilitar a identificação não só dos valores mais presentes em escolares, mas também as variáveis (que podem ser sociais e situacionais) influenciáveis na construção deles, como características sociais e pedagógicas das escolas e dos professores, nível educacional e socioeconômico dos sujeitos, série escolar, idade, gênero dos alunos, entre outras (Tavares; Menin, 2015).

A importância de se mensurar valores morais se dá pelo fato de que eles são, portanto, os investimentos afetivos que aplicamos em regras, princípios, sentimentos, ou ações consideradas, na maioria das culturas, boas ou justas (Tavares; Menin, 2015). Sendo assim, o instrumento foi construído de acordo com os Parâmetros Curriculares Nacionais (PCNs) (Brasil, 1998) que colocaram a ética como um dos temas transversais na educação. Os valores como respeito, justiça, solidariedade e diálogo, de acordo com os PCNs foram os mais significativos para o desenvolvimento moral de crianças e adolescentes.

Os pesquisadores e as pesquisadoras responsáveis pela construção do instrumento entenderam que o diálogo é mais um operador do que um valor moral e, por isso, adotaram em seu lugar o valor da convivência democrática. A Escala foi pensada para sujeitos do Ensino Fundamental em diante, além de professores e gestores, mas Miguel (2021) fez uma adaptação do instrumento, em forma de pranchas de desenhos, para crianças da Educação Infantil, trabalhando em especial o valor respeito.

A Escala é composta de um questionário com histórias-problemas envolvendo os valores respeito, justiça, solidariedade e convivência democrática. Tais histórias terminam com uma frase a ser completada ou uma questão sobre o que se deveria fazer, seguidas de cinco alternativas de respostas. O participante deve ler o item e escolher uma das alternativas. Três delas são favoráveis ao valor e duas contrárias a ele, ou seja, baseada em um contravalor (Tavares; Menin, 2015).

Logo depois, fizemos uma discussão sobre o egocentrismo, que consiste na incapacidade de ver o mundo sob outro ponto de vista que não o seu, uma característica presente nas crianças da faixa etária de 5 a 7 anos em média, público-alvo da Sequência Didática construída. Colocamos em pauta a questão de que os(as) educadores(as) podem auxiliar nesse processo através de atividades cooperativas, rodas de conversa, jogos que provoquem a reflexão sobre a descentração e a utilização de Sequências Didáticas, como a que propusemos na formação.

Para Puig (2004, p. 55), “[...] as práticas [morais] são um conceito que designa fenômenos diretamente observáveis que expressam um sentido cultural e moral [...]”, isto é, elas nos falam daquilo que os educadores e alunos fazem na escola de forma conjunta e buscam pela tomada de consciência dos protagonistas. Tais práticas são cursos de acontecimentos organizados, rotineiros e educacionais, assim como o uso de Sequências Didáticas, objeto central da nossa formação continuada de educadores, aqui relatada.

Nosso enfoque nas formações foi de que o uso de Sequências Didáticas e o trabalho com Educação em Valores não devem ser pontuais e, sim, fazerem parte do planejamento escolar como um todo, inclusive nos projetos político-pedagógicos e nos planos de ensino.

Por fim, educar moralmente ou em valores, vai além de uma ação pedagógica, pois consideramos que esse é um compromisso a ser assumido pelo professor e pela escola, já na Educação Infantil, objetivando a construção de uma sociedade mais justa, democrática e generosa. O enfoque do nosso trabalho é o valor respeito, mas devemos considerar que o diálogo

é o método mais eficaz para a Educação em Valores e as práticas morais devem acontecer diariamente.

Não se trata aqui de um aprendizado pela repetição, mas sim práticas que provoquem nas crianças a tomada de consciência, que só é possível quando eles são capazes de refletir sobre suas ações. Essa é uma tarefa, da qual, nós educadores, não podemos nos esquivar. “O exercício ético está nos acordos diários que são estabelecidos e reafirmados a cada situação (La Taille, 2009) e a conversação é a ferramenta que dispomos para a construção destes acordos e sua manutenção ou mudança” (Hoppe; Santos, 2021, p. 718).

2 METODOLOGIA

As ações do projeto de formação continuada que estão sendo implementadas, constituem no que Puig (1995) chama de aprendizagem em serviço, que diferente da proposta educativa tradicional, os envolvidos enfrentam as necessidades reais da comunidade escolar com o objetivo de criarem soluções e aprenderem. Dentro dessa metodologia, temos as necessidades ou desafios cívicos, o serviço à comunidade e a aprendizagem em conteúdos, competências e valores. Ao relacionar a aprendizagem a um contexto real, a aprendizagem em serviço qualifica os envolvidos para avaliarem os problemas da comunidade e resolvê-los, possibilitando a interconexão entre teoria e prática.

Estão sendo oferecidas formações acerca da Educação em Valores e da elaboração de Sequências Didáticas mensalmente em uma cidade do interior paulista com aproximadamente 16.000 habitantes, com duração de duas horas, nas quais cada ator do ambiente escolar é sujeito ativo e, por conseguinte, transformador de sua realidade interna e externa. Participam dos encontros cerca de 40 (quarenta) profissionais que atuam em uma escola municipal de Educação Infantil, que trabalha com crianças de 4 e 5 anos, em média.

Temos como objetivos: realizar encontros de formação presenciais no Horário de Estudos Coletivos (HEC) entre equipe escolar e universi-

dade afim de capacitar os profissionais para a elaboração de sequências didáticas, que evidenciem a Educação em Valores pautada na Base Nacional Comum Curricular; ampliar os espaços de partilha de experiências para o aporte teórico, uma vez que acontecem as formações e os educadores já inserem em suas práticas, além de trazerem relatos de suas experiências; fomentar discussões que levem a reflexões sobre a prática docente e oferecer subsídios teóricos as questões levantadas pela equipe, como mais recentemente surgiu a importância da discussão sobre a conduta dos educadores na resolução de conflitos entre as crianças, já que muitas vezes, alguns dos profissionais relataram que “resolvem” a situação por ser algo de solução imediata e pela dificuldade bem como a falta de formação no sentido de propiciar um ambiente que promova a construção da autonomia moral e não a manutenção da heteronomia.

Esse estudo de abordagem qualitativa é caracterizado por uma pesquisa-ação, pois “[...] além de compreender, visa intervir na situação, com vistas a modificá-la. O conhecimento visado articula-se a uma finalidade intencional de alteração da situação pesquisada [...]” (Severino, 2016, p. 127). Ao mesmo tempo, em que estamos realizando um diagnóstico e a análise de uma determinada situação, levamos aos educadores envolvidos em nossas formações propostas de mudanças que possam aprimorar as práticas analisadas. Complementando a ideia de pesquisa-ação, Schön (2000) salienta que tal pesquisa usada no âmbito educacional é uma estratégia para o desenvolvimento de professores e pesquisadores de forma que eles possam utilizar suas pesquisas para aprimorar seu ensino e, em consequência, a aprendizagem de seus alunos, seguindo o ciclo: planejar-agir-monitorar-avaliar-planejar, o que favorece a formação de profissionais críticos e reflexivos, inclusive em relação às suas práticas.

3 RESULTADOS E DISCUSSÃO

Por se tratar de uma formação de professores em andamento, os resultados preliminares reforçam a nossa ideia inicial de que trabalhos e pesquisas na Educação Infantil que abordem o desenvolvimento da moralida-

de infantil em uma perspectiva construtivista e a Educação em Valores são de grande valia, já que alguns professores e professoras relataram não terem recebido tais orientações em suas formações de base. O que nos mostra a importância de que tais assuntos sejam tratados e constem no currículo dos Cursos de Licenciatura, em especial o de Pedagogia.

Percebemos também a falta de estudos que abordem o uso de Sequências Didáticas como uma possibilidade para se trabalhar o desenvolvimento moral (incluindo a construção dos valores morais como, por exemplo, o respeito), já que estamos fazendo uma busca em banco de periódicos e identificamos uma escassa produção de pesquisas na área.

Identificamos também que ainda há a ideia de que a formação de valores deveria ser papel apenas da família, o que nos revelou a necessidade de que trabalhemos para que essa concepção seja repensada, pois a escola pode e deve trabalhar para a construção de um ambiente sociomoral que propicie condições para a formação de sujeitos, realmente autônomos, moralmente falando.

Outra ideia que apareceu e precisamos trabalhar foi a confusão do termo “autonomia moral” com independência, pois ouvimos relatos de professores que os alunos não conseguem nem amarrar o cadarço sozinhos, por exemplo, e por isso não são autônomos. No exemplo citado, cabe esclarecer que amarrar o tênis sozinho é uma atitude de independência dessa criança e não uma ação de autonomia moral.

Por outro lado, precisamos destacar o empenho da gestão escolar em colocar em prática junto aos educadores os conteúdos trabalhados e também o interesse desses profissionais em uma educação que seja de fato integral, isto é, que considere que além dos aspectos cognitivos, a afetividade, o desenvolvimento moral, o desenvolvimento motor que estão acontecendo junto ao processo de aprendizagem. A criança é mais do que um indivíduo cognoscente.

Acreditamos que apesar de o modelo de formação dos professores da Educação Infantil ainda ser pautado na racionalidade técnica, e na necessidade de superação do binômio educar-cuidar cujo maior obstáculo é a ausência de reconhecimento social e profissional de tais professores no Brasil, precisamos deixar de lado a ênfase na dicotomia teoria-prática e, assumirmos modelos formativos que enfatizem reflexões sobre a práti-

ca docente, para melhor articular uma base teórica educacional que assumira de fato as complexidades que a própria prática pedagógica nos impõe (Azevedo, 2013).

Colocando-nos agora como formadoras de professores, temos sentido a necessidade de um perfil de professor(a) de Educação Infantil, que seja capaz de atender e mais do que isso, “enxergar” a criança de forma integrada, ou seja, reconhecer que nesta educação o cuidado está implícito, mas temos o educar, independentemente de sua faixa etária. Isso significa romper de vez com a visão histórica e institucionalizada desse segmento de ensino que, assumiu por muito tempo um caráter assistencialista.

Em se tratando da proposta ser o relato de práticas morais bem-sucedidas, entendemos que esta seja porque além de propiciar a formação continuada dos educadores, eles têm concomitantemente aplicado os conteúdos com as crianças e percebemos que isso não está acontecendo de forma mecanizada, além de termos conseguido sensibilizar a comunidade escolar para a relevância do trabalho que envolva a Educação em Valores, evidentemente, em uma perspectiva científica, isenta de lições de moral e democratismo, quando o discurso é democrático, mas as ações não. É preciso, então, que a Educação em Valores envolva procedimentos democráticos e estratégias que possibilitem a construção de indivíduos autônomos.

Por fim, ao final das formações continuadas aqui relatadas, esperamos alcançar os seguintes resultados com os participantes dos encontros: maior apropriação teórica de como e quando elaborar Sequências Didáticas; construção de Sequências Didáticas com foco em Educação em Valores; construção de valores a serem trabalhados com os estudantes, tais como: respeito, solidariedade, convivência democrática e justiça. As avaliações quanto às formações serão qualitativas e baseadas nas narrativas dos participantes durante os encontros.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Vivemos momentos em que as “enfermidades” da sociedade brasileira refletem em ações violentas no âmbito escolar. Onde deveria impe-

rar o amor, respeito e empatia, infelizmente parece imperar o ódio, a não aceitação às diferenças e, mais do que isso, a incapacidade de ver o mundo sob outro ponto de vista que não o seu. Será isso reflexo de um histerismo, discursos de ódio, “ausência” da família, ou falta de formação adequada?

Ainda vemos, infelizmente, profissionais da Educação com o pensamento de que a Educação Moral e em Valores é papel da família, apenas. Porém, quer queira ou não, nós influenciemos os nossos alunos, moralmente falando, a todo tempo. E será que estamos preparados para isso?

Assistimos entristecidas às escolas investindo em detectores de metais, vigilantes (inclusive armados), cursos de defesa pessoal, etc., recursos esses que tornam a escola um ambiente coercitivo e reforça a heteronomia de nossos alunos, quando na verdade deveríamos promover de fato uma educação para a autonomia moral, que só é possível em um ambiente em que a coação dá lugar a cooperação e as relações são realmente democráticas. Autoridade não é e não pode ser confundida com autoritarismo.

Mediante o exposto, apontamos como imprescindível a elaboração (ou reorganização) de políticas públicas que vão na contramão das mais recentes medidas adotadas, em larga escala, a fim de evitar atos como os supramencionados, mas que visam o desenvolvimento da autonomia -principalmente da moral - de educadores e educandos, cujo objetivo é uma Educação Moral e em Valores, refletida e embasada cientificamente.

Coadunamos com as ideias de Ostetto (2011) de que as teorias e os fundamentos pedagógicos oferecem aos professores da Educação Infantil uma aproximação das crianças, mas nada substituirá o encontro com esses universos, ou seja, a magia e o encanto que eles nos proporcionam. [...] “Para uma prática educativa que pretenda respeitar o tempo da infância, é fundamental olhar as crianças, os movimentos dos grupos; um olhar disponível, receptivo, que vê e ouve além do aparente”[...] (Ostetto, 2011, p. 161), ou seja, é preciso, sim, fornecer às crianças os conteúdos propostos para as suas faixas etárias, mas também colocá-los em contato com os valores morais como respeito, justiça, paz, solidariedade, equidade, pois como nos ensina La Taille (2013, p. 15-16, grifos do autor), eles “[...] nos remetem a *deveres* por intermédio dos quais se expressam

o respeito pela dignidade alheia e o reconhecimento da necessidade de respeitar seus direitos [...]”

Sendo assim, não há o desenvolvimento da cidadania e da autonomia moral possível se não houver o desenvolvimento e o fortalecimento do senso moral. E é para isso e por isso que estamos caminhando.

REFERÊNCIAS

ALMEIDA, G. P. de. **Neurociência e sequência didática para Educação Infantil**. 2. ed. Rio de Janeiro: Wak Editora, 2015.

ARAÚJO, D. L. O que é (e como faz) sequência didática?. **Entre palavras**, Fortaleza, ano 3, v. 3, n. 1, p. 322-334, jan./jul. 2013.

AZEVEDO, H. H. O. **Educação Infantil e formação de professores**: para além da separação cuidar-educar. São Paulo: Ed. da Unesp, 2013.

BRASIL. Ministério da Educação. Secretaria de Educação Básica. **Base Nacional Comum Curricular**. Brasília, DF: MEC/SEB, 2017.

BRASIL. Ministério da Educação. Secretaria de Educação Fundamental. **Parâmetros curriculares nacionais**. Brasília, DF: MEC/SEF, 1998.

DEVRIES, R.; ZAN, B. **A ética na educação infantil**: o ambiente sociomoral na escola. Tradução de Dayse Batista. Porto Alegre: Artes Médicas, 1998.

GARCÍA, X. M.; PUIG, J. M. **As sete competências básicas para educar em valores**. São Paulo: Summus, 2010.

GOERGEN, P. Educação moral hoje: cenários, perspectivas e perplexidades. **Educação Social**, Campinas, v. 28, n. 100, p. 737-762, out. 2007.

HOPPE, M. M. W.; SANTOS, T. L. dos. Convivência, ética, e autoridade na educação infantil. **Questio**, Sorocaba, v. 23, n. 3, p. 699-720, set./dez. 2021.

LA TAILLE, Y. **Prefácio**. In: MENIN, M. S. S.; BATAGLIA, P. U. R.; ZECHI, J. A. M. (org.). *Projetos bem-sucedidos de educação em valores: relatos de escolas públicas brasileiras*. São Paulo: Cortez, 2013. p. 13-19.

MIGUEL, P. C. **O desenvolvimento moral e o valor respeito**: criação de uma sequência didática para o trabalho na Educação Infantil. 2021. 163 f. Dissertação (Mestrado em Educação) – Faculdade de Filosofia e Ciências, Universidade Estadual Paulista, Marília, 2021.

OSTETTO, L. E. Ser professor de Educação Infantil entre buscas além dos hábitos de pensar e fazer. *In*: PINHO, S. Z. de. (org.). **Formações de educadores: dilemas contemporâneos**. São Paulo: Ed. da Unesp, 2011. p. 155-167.

PIAGET, J. **O juízo moral na criança**. Tradução Elzon Lenardon. São Paulo: Summus, 1994.

PLACCO, V. M. N. de S.; SILVA, S. H. S. da. A formação do professor: reflexões, desafios, perspectivas. *In*: BRUNO, E. B. G.; ALMEIDA, L. R. A.; CHRISTOV, L. H. da S. (org.). **O coordenador pedagógico e a formação docente**. São Paulo: Edições Loyola, 2015. p. 25-37.

PUIG, J. M. **Aprender a dialogar: toma de conciencia de las habilidades para el dialogo: Materiales para la educacion ética y moral**. Madri: Rogar, 1995.

PUIG, J. M. **Práticas Morais: uma abordagem sociocultural da Educação Moral**. São Paulo: Moderna, 2004.

SCHÖN, D. A. **Educando o profissional reflexivo: um novo design para o ensino e a aprendizagem**. Porto Alegre: Artes Médicas, 2000.

SEVERINO, A. J. **Metodologia do Trabalho Científico**. São Paulo: Cortez, 2016.

SILVEIRA, A.; LEPRE, R. M. Educação em valores sociomorais na Educação Infantil: proposta de uma sequência didática para crianças entre cinco e seis anos de idade. **Schème**, Marília, v. 14, p. 231-256, 2022. Número especial. Disponível em: <http://revistas.marilia.unesp.br/index.php/scheme>. Acesso em: 1 nov. 2022.

TAVARES, M. R.; MENIN, M. S. S. (org.). Avaliando valores em escolares e seus professores: proposta de construção de uma escala. **Revista Fundação Carlos Chagas**, São Paulo, v. 46, p. 1-85, out. 2015. Número Especial. Disponível em: <https://publicacoes.fcc.org.br/textosfcc/issue/view/316/94>. Acesso em: 1 nov. 2022.

ZABALA, A. **A Prática educativa: como ensinar**. Tradução Ernani F. Rosa. Porto Alegre: ARTMED, 1998.